

**Respiram as ilhas, respira a poesia:
São Tomé e Príncipe nos poemas de Goretti Pina**

The islands breathe, the poetry breathes:
São Tomé and Príncipe in the poems by Goretti Pina

DOI: <https://doi.org/10.21747/30517036/seb2a2>

Gustavo Henrique Rückert

Centro de Letras e Comunicação da Universidade Federal de Pelotas (Brasil) /
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (Brasil)
gh.ruckert@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/3426796078386126>

Recebido: 27/07/2026

Aceite: 04/09/2026

RESUMO: Na esteira das comemorações do cinquentenário da Independência de São Tomé e Príncipe, este texto analisa a obra *A respiração dos dias*, de Alice Goretti Pina (2015). A metodologia de análise privilegia a observação das relações intertextuais diretas e indiretas dos poemas do livro em questão, segundo princípios comparatistas de Tânia Franco Carvalhal, Helena Carvalhão Buescu e Inocência Mata. Esses intertextos relacionam o livro com a tradição literária e cultural de São Tomé e Príncipe, como na menção a poemas de Marcelo da Veiga, Francisco José Tenreiro, Alda Espírito Santo e Conceição Lima, ou ainda às tradições da encenação de “O Auto de Floripes” ou das cerimônias religiosas do djambi. Há também os intertextos que posicionam a obra no recorte mais amplo da literatura-mundo, como é o caso da menção a poemas de Gonçalves Dias, Fernando Pessoa e Noémia de Sousa, ou ainda do músico Rui Veloso (Brasil, Portugal e Moçambique). Como conclusão, o estudo aponta para a vitalidade da poesia santomense. Se, no passado, Marcelo da Veiga, Francisco José Tenreiro e Alda Espírito Santo iniciaram com qualidade essa trajetória de independência literária, hoje nomes como Goretti Pina mantêm viva e pulsante essa tradição.

PALAVRAS-CHAVE: Ilhas; respiração; Goretti Pina; *A respiração dos dias*; intertexto.

ABSTRACT: This text analyzes the work *A respiração dos dias*, by Alice Goretti Pina (2015), following the celebrations of the fiftieth anniversary of the

Independence of São Tomé and Príncipe. The analytical methodology prioritizes the observation of direct and indirect intertextual relationships within the poems of the book in question, according to comparative principles of Tânia Franco Carvalhal, Helena Carvalhão Buescu, and Inocência Mata. These intertexts connect the book to the literary and cultural tradition of São Tomé and Príncipe, as in the mention of poems by Marcelo da Veiga, Francisco José Tenreiro, Alda Espírito Santo, and Conceição Lima, or even to the traditions of the staging of “The Auto de Floripes” or the religious ceremonies of the “djambi”. There are also intertexts that position the work within the broader context of world literature, as is the case with the mention of poems by Gonçalves Dias, Fernando Pessoa, and Noémia de Sousa, or even the musician Rui Veloso (Brazil, Portugal, and Mozambique). In conclusion, the study points to the vitality of São Toméan poetry. If, in the past, Marcelo da Veiga, Francisco José Tenreiro, and Alda Espírito Santo initiated this trajectory of literary independence with quality, today names like Goretti Pina keep this tradition alive and vibrant.

KEYWORDS: Islands; breathing; Goretti Pina; *A respiração dos dias*; intertextuality.

Introdução

Em 2025, completaram-se 50 anos da Independência de São Tomé e Príncipe. Mais do que meio século de trajetória política, também se celebra meio século de literatura santomense enquanto expressão de um país liberto. Se nomes como Marcelo da Veiga, Francisco José Tenreiro, Alda Espírito Santo e Manuela Margarido foram as bases fundantes desse processo, questionamos quais nomes renovam a literatura santomense na contemporaneidade e mantêm vivo esse legado. Nesse sentido, ganham relevo obras de Conceição Lima, Francisco Costa Alegre, Olinda Beja, Goretti Pina, Alda Barros e Orlando Piedade, entre outros. Para mensurar a vivacidade da poesia santomense no presente, optamos pela análise do conjunto de poemas *A respiração dos dias*, publicado em 2015 por Goretti Pina. Neste conjunto de textos, a poeta estabelece uma série de relações intertextuais dentro e fora de seu país, assinalando que a poesia santomense se mantém viva, ou, em outros termos, em plena respiração.

Assim, para realizar essa análise, no presente texto tomamos a liberdade de propor uma estrutura organizacional a partir de um arquipélago metafórico (Westphal, 2024). Este arquipélago, por sua vez, é formado, além de introdução e considerações finais, por três ilhas conceituais que dialogam entre si: (1) “A respiração”, que aborda os sentidos e as teorizações contemporâneas sobre esse

conceito centralizado no próprio título do livro em análise; (2) “As ilhas”, que propõe, ao contrário do senso comum e dos estereótipos, a leitura dos espaços de São Tomé e Príncipe como espaços cosmopolitas; e, por fim, (3) “A respiração das ilhas em poemas de Goretti Pina”, que analisa os poemas da autora para sinalizar suas relações intertextuais como reivindicação de diálogo com a tradição literária e cultural santomense e mundial.

A respiração

Respirar é um ato primordial na existência de um ser. Ao nascermos, a maior preocupação de mães, médicos e enfermeiros é pelo choro do bebê. A plenos pulmões, reivindicamos o direito à existência e, mais do que isso, à troca de oxigênio e gás carbônico com o mundo e todos os outros seres que também o habitam. Respirar precede qualquer consciência, é talvez nosso primeiro ato e mais genuíno. Nas culturas africanas, sabemos que as trocas energéticas entre os seres são entendidas como sagradas, pois transmitem o fluxo básico que alimenta a vida como um todo. Em análise do pensamento filosófico do senegalês Leopold Senghor, o moçambicano Severino Elias Ngoenha explica que:

A ética africana consiste no ‘reconhecimento da unidade do mundo’ e do agir para manter o equilíbrio das forças, da ordem e da estabilidade. Desta concepção deriva a ideia do sagrado, fulcro de toda a vida africana, onde cada ser, cada coisa, possui uma força vital de energia divina. ‘O homem está ligado à planta, ao animal, aos seus semelhantes, vivos e mortos, e ao cosmos através do ritmo vital, e a Deus através do sacrifício ritual (Ngoenha, 2023, p. 52).

Assim, é por meio dos elementos essenciais, como água, seiva, sangue, minerais, mas também o ar (destacado aqui), que o fluxo vital perpassa os seres e interliga a vida em seu equilíbrio. Em uma cosmovisão africana, portanto, poderíamos afirmar que respirar é troca, é ligação e, em última instância, um ato sagrado. E justamente este ato primordial e sagrado é que foi violado na crise político-sanitária que vivemos recentemente. Impossível não lembrar da pandemia de Covid-19, de governos autoritários em diferentes países do mundo que trocaram vacinas por interesses econômicos privados ou que sonegaram cilindros de oxigênio. Impossível não lembrar também de um capitalismo predatório que transforma florestas em *comodities* e dizima povos tradicionais, guardiões de ecossistemas responsáveis por boa parte do oxigênio do mundo. Por estes e ainda outros motivos, o pensador camaronês Achille Mbembe elege “a respiração” como um dos conceitos mais caros à contemporaneidade e defende aquilo a que chama “Direito universal à respiração”.

Nas palavras de Mbembe, o Direito universal à respiração:

É um direito em relação à universalidade não apenas de cada membro da espécie humana, mas da vida como um todo. Portanto, deve ser entendido como um direito fundamental à existência. Como tal, não poderia ser objeto de confisco e, portanto, escapa a toda soberania, uma vez que recapitula o princípio da soberania em si. É também um direito originário de habitar a Terra, um direito específico da comunidade universal dos habitantes da Terra, humanos e outros (Mbembe, 2020, secção 6).

Portanto, quando nos referimos à respiração neste texto, projetamos um direito universal e básico, um ato genuíno e primordial, uma troca vital entre seres que pode ser tida como sagrada em contextos africanos.

As ilhas

Do ponto de vista geológico, a ilha é entendida como um território isolado por águas daquilo que se entende por continente. Bruno Mazolini Barros, que pesquisou o significado das ilhas em romances portugueses contemporâneos, explica que “A ilha é, dessa maneira, algo fraturado, separado, desarticulado do continente ou até mesmo algo totalmente diferente, de formação original” (Barros, 2018, p. 77). O filósofo francês Gilles Deleuze aproxima o imaginário das ilhas à solidão: “Sonhar ilhas, com angústia ou alegria, pouco importa, é sonhar que se está separando, ou que já se está separado, longe dos continentes, que se está só ou perdido; ou então, é sonhar que se parte de zero, que se recria, que se recomeça” (Deleuze, 2006, p. 18).

Acrescento às definições de Barros e Deleuze, ainda, o imaginário ocidental da ilha enquanto espaço idílico com suspeição das regras morais que diríamos continentais, apto a ser invadido, tomado ou servir aos interesses coloniais. Lembremos aqui de casos como “A ilha dos amores”, de Camões; a Ilha de Vera Cruz, de Caminha; a ilha de Robinson Crusóé, de Defoe; entre outros.

É em contraposição a este imaginário da ilha enquanto local isolado, de uma temporalidade suspensa, objeto imóvel e inanimado, apto a ser saqueado, que propomos a visão da ilha enquanto lugar de fluxos, negociações e trocas. Afinal, é nas ilhas que as águas de todos os continentes se encontram. É nas ilhas que as línguas continentais se misturam e originam novas línguas. Em suma, as ilhas são pontos de respiração, onde a vida não está jamais isolada, e sim interconectada com o todo. Oxigenado pelas proposições acerca de um novo cosmopolitismo que recria alteridades de Galin Tihanov (2021); do afroc cosmopolitanismo na literatura-mundo trazido por Inocência Mata (2013); e

pela globalização da população das periferias latino-americanas em *Cosmopolitismo do pobre*, de Silviano Santiago (2008), arriscamos aqui a ideia de um “cosmopolitismo insular”.

As ilhas como lugar de fluxos e influxos vitais, trocas e negociações culturais, enfim, de impulsionamento de uma existência mais ampla, não são novidades nas literaturas africanas. Lembremos da Ilha de Moçambique, tantas vezes cantada por Virgílio de Lemos, Glória de Sant’Anna, Luís Carlos Patraquim ou Eduardo White; da Ilha de Luanda, vista desde o pôr do sol no musseque em contos e romances de Luandino Vieira, ou habitada pelos órfãos de guerra de Pepetela; as ilhas de Cabo Verde como *locus* da morna, da claridade, da certeza, da possibilidade de uma vida que se ergue sobre a pedra e o sal em Baltazar Lopes, Manuel Ferreira, Orlanda Amarilis, Ovídio Martins, Corsino Fortes, Arménio Vieira e tantos mais.

Contudo, serão abordadas neste texto duas ilhas: São Tomé e Príncipe. Aquelas que Inocência Mata e Agnaldo Rodrigues (2018) assinalam, em *Trajetórias culturais e literárias das ilhas do Equador*, que devem ter sua cultura e literatura abordada sem se isolar, articulando a região insular ao mundo da sociedade global, ou seja, um cosmopolitismo insular ou a sua inscrição na literatura-mundo (Buescu & Mata, 2017).

A respiração das ilhas em poemas de Goretti Pina

Como celebrar os 50 anos de independência de uma nação que se ergue não só pela luta, mas também pela letra? É possível fazer isso revisitando a obra daqueles que sonharam essa independência e a ela deram uma forma em voz, letra ou papel. É possível celebrar a memória de Marcelo da Veiga, Francisco José Tenreiro, Alda Espírito Santo, Manuela Margarido. É possível também olhar para a literatura do presente e ver como a diversidade de autores e de formas, de ritmos e de cadências, revela que respiram ainda São Tomé e Príncipe, que respiram seus autores fundantes, sobretudo que respira a poesia santomense através da continuidade e da perpetuação.

É justamente a respiração das ilhas, da poesia, de São Tomé e Príncipe o que oferece, em versos, Alice Goretti Pina, natural da ilha do Príncipe, advogada, estilista, artista plástica, prosadora, mas, sobretudo, poeta. *A respiração dos dias*, livro aqui abordado, é o terceiro da autora, publicado em 2015. É importante mencionar que, nestes poemas, temos um sujeito-lírico em exílio, que canta as ilhas a partir do exercício da memória. Para Maria Dovigo (2015, para.5), “Desde a primeira leitura ficou-me a marca na memória das suas variações sobre o elemento ar. Desde o título, a respiração, o pneuma, o espírito que se quer ligado aos dias, que se quer rítmico, como o do tempo vivido na terra que se deixou”. O

cotidiano das ilhas de São Tomé e do Príncipe, portanto, é a imagem evocada em *A respiração dos dias*. Esse cotidiano é marcado por referências literárias e culturais, do país e do mundo, ou seja, é o cotidiano escrito pela pena de um cosmopolitismo africano e insular.

Em “Ossobô ficou distante”, por exemplo, a perspectiva de um sujeito-lírico em Portugal, que toma as ilhas como lugar de memória e respiração, evoca a figura do pássaro ossobô, tão característico de São Tomé e Príncipe e cujo canto ficou eternizado nos versos de Marcelo da Veiga, no seu único livro de poemas, *O canto do Ossobô*. Citamos o poema:

*Aqui as minhas manhãs
não têm serenatas
Ossobô ficou distante,
só o tenho na lembrança
[...]
Aqui não sinto o cheiro da terra
da chuva caída de fresco
Não oiço a canção da chuva*

*Não há aqui manzezé
nem Féssa Lubela
nem cozido de molengué.*

*Aqui há alturas em que as noites
são mais longas que os dias,
mas são noites sem fogueiras,
sem puíta sem lagaiais.*

*Aqui como castanhas nessas noites
cálidas, de paredes transpiradas
noites sem safú, sem bunzo
sem milho, sem jaca
(Pina, 2015, p.33)*

O cotidiano do sujeito-lírico em Portugal é sufocante. A respiração só é possível pela memória. Assim, na referência ao ossobô o poema faz respirar as imagens de Marcelo da Veiga, mas, no jogo do “aqui e lá”, não poderíamos deixar de mencionar que também respira aí Gonçalves Dias com sua “Canção do exílio”. Mas não para por aí, as ilhas como pneuma, *locus* de trocas energéticas e oxigenação, evocam cantigas, ritmos e populares que podem ser expressos na

preferência pelas quadras e tercetos que marcam o poema, bem como pela sua linguagem fresca e referências aos festejos, às danças, aos ritos religiosos e às comidas típicas.

Já em “Dança vespertina”, Goretti Pina apresenta um poema que assume uma forma mais livre e de fluidez irregular. Ele não evoca o canto do ossobô, mas a suavidade e a sensualidade do vento. Assim, o ar como imagem é o contato poético com a alteridade, fazendo o sujeito-lírico respirar elementos naturais, como as encostas, o sol, a lua, mas também elementos culturais, como a tradição teatral de representação de “O Auto de Floripes”, e suas referências literárias, caso de Marcelo da Veiga (novamente), mas também Alda Espírito Santo e Francisco José Tenreiro, todos citados em intertextos diretos e nominais.

*Vê como o vento lambe as encostas
E as cascatas exibem-se mais,
poderosas,
quando os dias têm línguas de brasa
nas minhas ilhas.*

*Sabe,
quando somos abraçados pela lua
e há um sopro que nos empurra pra vida?*

[...]

*Nas minhas ilhas
há dias preguiçosos
com neblinas roídas de inveja
da exuberante paisagem verde.
Há dias vaidosos
em que o sol dança sobre o mar
vestido de Floripes.*

[...]

*Há dias que param
para lermos Marcelo da Veiga,
Francisco Tenreiro.
Há dias profundos, amantes, puros
como a voz íntima
de Alda do Espírito Santo.*

Há dias que são mantos!
Azuis... Azuis.
Dias de fluidez.
Dias para serem contemplados.

Há dias que fechados
como os búzios,
reclusos nas suas conchas.
Dias como a parte de fora
de uma sala de cinema.

... E há dias na minha terra,
sequiosos de amanhã!
(Pina, 2015, pp. 46-47).

Outro poema da obra em análise que apresenta destacado diálogo com a tradição literária santomense é “Minha África”. Nele, respiram o belíssimo e relembrado “Angolares”, de Alda Espírito Santo, assim como o memorável “Afroinsularidade”, de Conceição Lima. “Minha África” é um poema de tom pan-africanista em que o sujeito lírico declara seu amor à África evocando as imagens do mar que, por sua vez, remetem à Alda e à Conceição. Este mar que trouxe náufragos, angolares, escravizados, contratados e tantos outros, oriundos do continente para construir uma nação marcada pelo sol e pelas ondas, conforme se pode observar:

Eu vou te cantar
pela beleza do sol
ao entardecer na gravana,
pelo estalido de uma onda que bate e depois outra,
pelo charme da negra que passa,
os cavalos que arrasta nos olhos,
a festa que leva na fala,
os seus modos.

Cantar-te-ei pela música.
Música dos teus próprios pés
Descalços.

Cantarei as tuas tatuagens
e a tua paz de aragem.

*A tua ferida aberta
Cantarei
E as tuas incumpridas viagens.*

*Eu vou te amar
para sempre.
Como tu amas os teus filhos e os filhos dos outros
na igualdade*

*Rever-te-ei, Oh África
No retrato do teu corpo esculpido em madeira.*

*Sentir-te-ei
de todas as maneiras.
No meu ser e na lembrança
até que eu volte,
África!
(Pina, 2015, p. 76).*

Mas não só os versos de poetas santomenses respiram nos versos de Goretti Pina em *A respiração dos dias*. O seu poema “Súplica” pode ser lido em diálogo com o homônimo e aclamado “Súplica” da moçambicana Noémia de Sousa. Com seu povo já independente e no exílio, a súplica de Goretti não é para que deixem seu povo passar como em Noémia, mas que viva uma vez mais o cotidiano das ilhas: “Suplico aos deuses o caimento da benção / de uma lua santomense nos meus ombros / antes de partir. / Suplico mais uma noite de djambi em São Marçal. / Suplico a azáfama de mais uma manhã de sábado / no mercado municipal [...]” (Pina, 2015, p. 45).

Apesar de Portugal não possuir o movimento, as cores e os aromas do mercado municipal, tampouco o luar santomense ou os mistérios de cura e de espiritualidade do djambi, ele também oferece algum oxigênio o qual alimenta os pulmões do sujeito lírico. “Diz-me que não minto”, por exemplo, dialoga com o músico português Rui Veloso. Já em “Ainda dorme o meu Príncipe”, Portugal é evocado sob os signos de Fernando Pessoa, mais especificamente Álvaro de Campo e Bernardo Soares: “O mundo inteiro é desassossego, é máquinas, / e gente que se perde de si de tanto em si / de tanto à volta / E mãos a agarrar ideias como beijos de vidros nas arestas do sol / É máquina, oh mundo! Em alguns lugares um frémito amargar de esperanças / Noutros flutuantes carcaças / Noutros hibridez que finca os pés nos carris” (Pina, 2015, p. 22).

Considerações finais

Na obra *Literatura comparada*, Tânia Franco Carvalhal defende que os intertextos não são uma mera repetição ausente de sentidos, mas atualização, renovação de sentidos e reinvenção de textos:

Toda repetição está carregada de uma intencionalidade certa: quer dar continuidade ou quer modificar, quer subverter, enfim, quer atuar com relação ao texto antecessor. A verdade é que a repetição, quando acontece, sacode a poeira do texto anterior, atualiza-o, renova-o e (por que não dizê-lo?) o re-inventa (Carvalhal, 2001, pp. 53-54).

Por sua vez, Helena Carvalhão Buescu e Inocência Mata (2017) recuperam o conceito de literatura-mundo de David Damrosh para propor uma literatura-mundo comparada em português. Assinam assim que não só os intertextos alteram e acrescentam sentidos aos textos fundadores, como também inserem o texto atual em uma comunidade textual para além das fronteiras nacionais. Os diferentes diálogos que são propostos entre os textos permitem que sejam vistos “simultaneamente como objetos singulares (cada texto em si mesmo considerado) e como objetos em diálogo e por essa razão entre si comparáveis, dando assim conta da perspectiva diferenciada, nas suas diversas semelhanças, paralelos e contrastes” (Buescu & Mata, 2017, p. 25).

Em *A respiração dos dias*, portanto, Goretti Pina realiza um importante diálogo intertextual, mencionando e acrescentando camadas de sentido à tradição literária do seu país (Marcelo da Veiga, Francisco José Tenreiro, Alda Espírito Santo, Conceição Lima) e do mundo (Gonçalves Dias, Fernando Pessoa, Noémia de Sousa). Também o faz com a tradição cultural do seu país (“O auto de Floripes” e o djambi) e do mundo (Rui Veloso). Ao fazer isso, vincula-se a uma comunidade literária santomense, mas também mundial, assinalando as ilhas e sua literatura como *locus* cosmopolita e inscrito na literatura-mundo.

Concluimos, assim, com a constatação de que os poemas de Goretti Pina fazem respirar a poesia de São Tomé e Príncipe nestes 50 anos de país e também de poesia em um país independente (já que, naturalmente, há produção literária anterior à independência). Em seus versos, respiram as ilhas. Com efeito, como a poeta afirma (2015, p. 62), o mar é universal (“esse mundo imenso, horizontal”), pois é ele que liga as ilhas ao mundo todo. Em seus poemas respira a poesia referência de Marcelo da Veiga, José Tenreiro, Alda Espírito Santo, Conceição Lima, Gonçalves Dias, Fernando Pessoa, Noémia de Sousa, e também respiram as tradições culturais marcadas por Floripes, pelo djmabi ou pela música de Rui Veloso. Respiram ainda as outras formas de vida, como o pássaro ossobô, o

gandu, respiram as próprias ondas e a lua, o vento e o rochedo, respiram o óleo de palma e o cozido de molegué.

Relembrar as ilhas, não é evocar o isolamento, mas é tecer um diálogo com a vida que perpassa o todo. Relembrar as ilhas é respirar. E, nesse sentido, é pela própria escrita que se respira. Por isso, deixamos aqui para encerrar este texto um poema ainda inédito da autora. Este poema foi apresentado por Goretti Pina em sua participação no IV Congresso da Associação Internacional de Estudos Literários e Culturais Africanos (Afrolic), ocorrido na cidade de Vitória, Brasil, no ano de 2023. O poema em questão dialoga com uma célebre frase da escritora brasileira Clarice Lispector já desde seu título, “Escrever é como respirar”, pois é seu homônimo:

*Nenhuma lua é maior
que a palavra
Nem todos os sóis reunidos
no regaço do mar*

*Somos todos
todas as coisas
e o que habita o inalcançável
e o invisível produto
da palavra suprema*

*Nenhum pão
Nenhum vinho
Nem a magia
ou o esforço
do que lhes deu lugar
Nem o silêncio
Nem o silêncio
carregado que esteja
de poeira
ou de ouro*

*No remanso de um lugar
onde se semeia o futuro
a palavra*

*Tudo é escrita
Palavra escrita
seja com a pele*

sobre a rocha despida
seja com as lavas dos olhos em vivo fogo

Em vivo fogo

O jogo do estar ou não
Seja com o profundo lago trazido
do coração
ou
das mãos

Escrever é como respirar!
(Pina, 2013, declamado no IV Congresso Internacional da AFROLIC).

Referências

- Barros, B. M. (2019). *Arquipélago da solidão: ilhéus domésticos no romance português do século XXI*. Tese (Doutorado em Teoria da Literatura) – Escola de Humanidades / Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.
- Buescu, H. C., & Mata, I (2017). *Literatura-mundo comparada: perspectivas em português I – Mundos em português (Volume I)*. Tinta da China.
- Carvalho, T. F. (2001). *Literatura comparada*. Ática.
- Deleuze, G. (2006). *A ilha deserta e outros textos: ensaios e entrevistas (1953-1974)*. Iluminuras.
- Dovigo, M. (2015). Os poetas e a cidade: “A respiração dos dias”, de Goretti Pina. *Palavra Comum*, 19 out 2015.
- Mata, I. (2013). Literatura-Mundo em Português: encruzilhas em África. *Anuário de Literatura Comparada*, n.3, 107-122.
- Mata, I., & Silva, A. R. (Eds) (2018). *Trajectórias culturais e literárias das Ilhas do Equador: Estudos sobre São Tomé e Príncipe*. Pontes.
- Mbembe, A. (2020). *O direito universal à respiração*. N1 Edições.
- Ngoenha, S. E. (2023). *O retorno do bom selvagem: uma perspectiva filosófica-africana do problema ecológico*. Ethale Publishing.
- Pina, G. (2015). *A respiração dos dias*. Edições Colibri.
- Santiago, S. (2008). *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Editora UFMG.
- Tihanov, G. (2021). Prefácio. In.: Moniz, A. I., Pinheiro, J., Coelho, L. M., Sousa, A., & Pinheiro, C. S. (Eds). *Viagem e cosmopolitismo: da ilha ao mundo* (pp. 13-17). Edições Húmus.

Westphal, B. (2024). L'archipel ou la métaphore du monde: um géo-questionnement. In.: Moniz, A. I., Martins, C., Coelho, L. M., Jubilado, O., & Fonseca, R. C. (Eds). *Confluências comparatistas: vozes e mundos em diálogo* (pp. 11-24). Edições Colibri.